

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Bolha de São Paulo

Class.: Kaiapó/Paemí

Data: 02/02/86

Pg.: 386

### FERNANDO SABINO

## 19<sup>o</sup> Dito e Feito

Raoni, Sapaim e Camussu. Podia ser o meio de campo da seleção de futebol de Zâmbia, Gabão ou Zimbábue. Ou ainda um trio de companheiros de Macunaima, o herói sem nenhum caráter.

Nada disso. Quem está acompanhando o noticiário desta semana, e é o Brasil inteiro, sabe que são dois pajés e a mulher de um deles. Os pajés andaram empenhados numa pajelança para salvar a vida de Ruschi, o grande naturalista capixaba, ameaçada pelo veneno de um sapo.

Dizem os jornais que os três aproveitaram esta temporada no Rio e foram às compras — como os brasileiros em Nova York vão à rua 46 comprar os bagulhos encomendados pela tribo de amigos e parentes (ou familiares, como idiotamente se usa dizer agora). As encomendas dos índios não eram eletrodomésticos como as dos brancos, mas artigos de carnaval, adquiridos numa loja do gênero no centro, a saber: 12.600 contas de vidro, 8 quilos de missangas e 22 colares de louça — ao todo mais de 13 milhões de cruzeiros em compras. Índio não tem dinheiro, de modo que quem pagou foi mesmo o ministério do Interior. Dizem os jornais.

Tudo bem — mas o importante é a pajelança, realizada no Parque da Cidade, com todo o ritual indígena, inclusive cânticos e gritos: puseram o homem de cuecas e lhe deram um banho de erva, esfregaram-lhe folhas no corpo e bafaram fumaça de estranhos cigarros em cima dele. Pouco depois o paciente já se sentia melhor, anunciando, por exemplo, que havia cessado a sua hemorragia nasal.

A parte mais impressionante do tratamento consistiu numa espécie de gosma esverdeada que os pajés arrancavam do seu corpo, e faziam desaparecer esfregando as mãos. Raoni, movimentando o imenso batoque enfiado no beico como o bico achatado de um colhereiro, afirmou tratar-se de veneno do sapo, tirado do corpo de Ruschi.

De que parte do corpo, precisamente? O noticiário não esclarece, nem se refere a nenhum orifício, levando a crer que tenha sido do corpo inteiro, através da pele. Pouco importa; o certo é que, sob o testemunho de jornalistas, os índios tiraram do corpo de Ruschi, com as mãos e até mesmo com a boca, uma coisa gosmenta.

Tiraram umas coisinhas — confirmou Rubem Braga: — Já não havia mais muita coisa para tirar.

O sabiá da crônica, conterrâneo do naturalista e seu admirador como todos nós, foi especialmente convida-

do para assistir à segunda parte da pajelança, que achou muito interessante, segundo me contou. Embora mais chegado a passarinhos que a batráquios, esclareceu que o sapo, cujo contacto envenenou mortalmente o naturalista, nada tem a ver com o Bufo, ao qual o autor de seu livro de cabeceira, "Da Ema ao Beija Flor", Eurico Santos, dedica uma página em "Anfibios e Répteis", juntamente com Spallanzani, o cientista que o estudou e torturou (ambos consagrados como personagens de Rubem Fonseca em seu último romance policial, sob tantos aspectos admirável). Foi um sapo "dendrobata" (que vive nas árvores), terrivelmente venenoso ao menor contacto, e que Ruschi, desdenhando ou ignorando tal perigo, no enlevo do seu amor à natureza, andou recolhendo, para pesquisas, na região dos índios. Estes sabiam de que se tratava, conheciam a peça: ninguém os faria chegar perto de um dendrobata, aparentemente inofensivo na sua roupagem de pele negra com listas amarelas. E agora são eles que, intimos da flora e da fauna, vêm trazer à civilização, para escarmento da falível ciência moderna, os recursos de sua medicina milenar, tentando a cura do homem branco.

"Deus fez crescer uma planta para cada doença", afirmou, impressionado, um padre católico que também presenciou a pajelança. Não deixou de acrescentar que o aspecto místico do ritual ajudará o paciente a recuperar as forças — sugerindo talvez o que nos ocorre naturalmente a todos, ou seja, que além do poder curativo da erva, certamente haverá um pouco de cuca em tudo isso.

Engolir sapos é uma arte também milenar, praticada entre nós por muitos políticos e alguns generais. Haja vista o general Euclides Figueiredo, engolidor emérito ao referir-se a Brizola no governo do Rio como "um sapo que temos de engolir". No caso brasileiro, de modo geral, foi o país inteiro que teve de engolir não só o general e seus colegas, mas o sapo gigantesco do golpe militar de 64. E como se fosse pouco, vem tendo de comer cobras e lagartos na vigência desta Nova República já tão velha, em companhia do próprio Sarney — ou Charney, como a ele se referem os índios, alegando que lhe caberá como é costume, pagar a pajelança por ele encomendada.

Se Ruschi não engoliu literalmente o tal sapo, deixou-se impregnar do seu veneno, que agora lhe foi retirado do corpo em forma de uma gosma. O diabo é a gosma, essa sim, difícil de engolir, e que não se sabe bem se saiu do corpo do cientista ou da boca do pajé, cheia de erva mastigada.

Tudo bem! As ervas têm de fato poder curativo, é ponto pacífico de nossa flora medicinal, tão pouco estudada. E o que vale é a intenção — já estamos acostumados aos prodígios que realizam milagreiros como Arigó, Lengruber e tantos outros, curando males e extirpando tumores. Pouco importa que os tumores extirpados sejam pedaços de fígado de galinha ocultos na mão do curandeiro — o certo é que a fé realiza milagres, como insinuou o padre, no caso do Ruschi. É isso aí.

E por falar em curas e milagres, leio com simpatia o instrutivo "Album de Simpatias", de autoria de Roberto Toledo, que minha irmã Luiza me enviou de Belo Horizonte, não sei com que secretas intenções — já que a obra se destina especialmente às mulheres.

Isto posto, colho na mesma ensinamentos bem interessantes. Como conseguir engravidar, por exemplo, o que não é o meu caso: basta acender durante nove dias uma vela para a virgem Maria, às 6h da tarde, num pirex com um grão de feijão e um pouquinho de mel, depois pegar o que sobrou das nove velas, levar a uma igreja e dizer três vezes "espero vir aqui com o meu bebê, lindo como Jesus e doce como o mel. Só Deus pode me dar este gosto. Amem". É gravidez na certa, garante o livro. Só não fiquei sabendo para quê o grão de feijão. O autor da simpatia, a meu ver, se esqueceu também de um pormenor que me parece de certa importância: sugerir que a mulher deve ter relações com algum homem, se quiser engravidar, de preferência com o marido — se for casada, evidentemente.

Para manter a fidelidade do marido (ou do eterno namorado), a mulher deve pegar a palmilha do pé esquerdo de um sapato dele e queimá-lo em fogo forte com incenso, arruda e três pedaços de carvalho, depois colocar o que sobrar num saquinho e guardar debaixo do colchão do lado em que ela dorme. E o marido lhe será sempre fiel.

Tem simpatia para tudo: para acabar com o cansaço dos pés, hemorróidas, corrimentos, caspa, rugas, ingua, berrugas, dores lombares, insônia, azia, prisão de ventre, dor de dente, gases soltos, odor nas axilas, gagueira, mau olhado, maus vizinhos, desinteresse sexual; para afastar pessoas fofocueiras, arranjar pretendente para viúva, amansar marido briguento, acabar com a rival, diminuir a barriga, levantar orelha de cachorro, prender namorado, arrumar casamento — e por aí afora.

Aos interessados (ou interessadas), sugiro dirigir-se à minha irmã Luiza, em Belo Horizonte, pois já lhe mandei de volta o tal livro, também com secretas intenções — é só uma simpatia para descobrir quem é que terá dele outro exemplar.